

# Um jornalista livre

MATIAS ARRUDÃO

Durante três séculos Portugal nunca permitiu que houvesse tipografia no Brasil. A ideia da comunicação, da transmissão de ideias, precursoras do movimento da libertação, apavorava as autoridades do Reino. Não obstante, quando o primeiro jornal brasileiro foi publicado, não teve censura, nem sequer prévias, nem revelou sentimentos de medo.

Nenhuma imprensa nasceu tão livre quanto a brasileira.

Para maior facilidade de entendimento do tema e melhor caracterização da época podemos recordar que em 1808, quando D. João VI aportou ao Rio de Janeiro, trouxe dois prelos e vinte e oito volumes de material tipográfico adquirido na Inglaterra. A carga não chegou a desembarcar em Lisboa, senão veio direta para o Brasil. Aqui serviria para a instalação da Imprensa Régia, na qual, em 10 de setembro de 1808, foi publicado o primeiro jornal brasileiro sob a denominação de "Gazeta do Rio de Janeiro".

Ora, cerca de três meses antes, já em junho, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça fazia publicar o seu "Correio Brasiliense", que duraria catorze anos e que seria um modelo de independência e retidão. Tanto que, logo no primeiro número, no exemplar de apresentação, o jornalista enfrenta o rei fujão, a corte e o resto e proclama o "Correio Brasiliense" "órgão do Império do Brasil".

Sem peias, sem mordanças, sem receios, a imprensa que nascia começava com um grito de liberdade. Era como se clamasse — fora a família real, morram os portugueses. Vivam os brasileiros, salve o Império do Brasil!

Malgrado a sua posição de lutador, Hipólito José da Costa tinha uma pena livre, energética, mas justa. Assim, por exemplo, quando D. João VI pediu a Pio VII a abolição do Tribunal da Inquisição, não teve dúvidas. Colocou o problema em termos elevados sem receio de desagradar o clero e sem fazer concessões à corte.

"A Inquisição é um tribunal civil, e denominado Regio em Portugal. O seu regimento só tem força de lei porque o soberano lhe deu aquele caráter. Os castigos e processos criminais da Inquisição só podem ter lugar pela autoridade d'El-

rei; logo, a corte do Rio de Janeiro deve rejeitar in limine, como fez a respeito dos Jesuítas, toda a tentativa do papa em ingerir-se nas leis criminais do Estado, as quais, manifestamente, são só da competência civil".

Em outra oportunidade, havendo um certo deputado inglês, Mr. W. Smith, em discurso proferido na Câmara dos Comuns, a propósito da abolição do tráfico, injuriado a família real, o "Correio Brasiliense" saltou em defesa do príncipe, fazendo uso de uma linguagem cuja rispidez até hoje não desapareceu: "E também achamos extremamente indecente que Mr. Smith falasse do mais constante e do mais util aliado da Inglaterra com tão pouco respeito". Isso, note-se, a despeito do fato de que Hipólito José da Costa fosse ardente defensor da abolição. Nesse sentido, e tal como no caso do Império do Brasil, era radical. Não pretendia escalonamentos, suspensão do tráfico ou lei de ventre livre, mas defendia a necessidade da extinção imediata do regime escravocrata, pura e simplesmente. Em junho de 1816 escrevia — "a injustiça de reduzir os pretos à escravidão há-de trazer consigo o devido castigo".

Os leitores já reconstituíram a idéia do caráter desse paladino da imprensa brasileira.

Patriota da melhor cepa, viajado, culto, ex-presidiário dos cárceres da Inquisição em Portugal — dos quais logrou fugir — o diretor do "Correio Brasiliense" jamais se conformou com a dominação lusa. Para ele a independência era uma idéia fixa.

Varnhagen depõe — "Não cremos que nenhum estadista concorresse mais, para preparar a formação no Brasil de um império constitucional, do que o ilustre redator do "Correio Brasiliense". Talvez nunca o Brasil tirou da imprensa mais benefícios do que os que lhe foram oferecidos nessa publicação, em que o escritor se expressava com tanta liberdade como hoje o poderia fazer".

Em relatório escrito em Lisboa, no Palácio da Bemposta, escrevia o conde de Suberra: "Foi pelos anos de 1800 a 1802 que os clubes maçônicos portugueses na Europa e na América, por influência de Hipólito José da Costa, depois conhecido como redator do "Correio Brasiliense", tomaram a sua conta a separação do Brasil".

Não iremos prosseguir na ta-

... fei...  
M. C...  
dele t...  
moraçõe...  
te, com o...  
em edição...  
tiva que se j...  
tenario de "Ira...  
interesse desse...  
melhor compren...  
de "O Guarani". Nos...  
grafia do romancista...  
familiar, dominado pelo...  
José Martiniano. Continu...  
pas dos anos de aprendiza...  
e os primeiros exitos litera...  
no período de febril produçã...  
recebida pela crítica da época...  
leu a popularidade de que ain...  
acompanhamo-lo no torvelinho d...  
da sua inclusão no Ministerio, fase...  
do qual sai profundamente ferido, p...  
família e nos livros lenitivo para o ma...  
de parte do estudo, porém, é destinado...  
blemas inerentes á obra literaria de Ale...  
dita: o seu romantismo, as influencias, a...  
dianismo, sua posição perante a critica etc. De...  
pectos, saliente-se o da estilistica, agudamente...  
lo ensaista. Com razão, M. Cavalcanti Prouença...  
seria despauterio apresentar o autor de "Senhora"...  
modelo atual. "Mas são inegáveis as suas virtudes...  
mo e sonoridade, a multiplicidade de recurso, o bom...  
permanente e vigilante". (Editora Civilização Brasileira...  
montada por Enio Silveira).

ROLMES BARBOSA

rêfa de seleção de tópicos. Nosso intuito principal não é o de relembrar a figura de Hipólito José da Costa, mas outro. É o de assinalar, através de um exemplo verdadeiramente frustante, o significado da liberdade de imprensa na formação da opinião pública, inclusive e sobretudo quando ela adverte a consciência popular contra os que falam em proteção e em libertação — antes de esmagar as liberdades.

O redator do "Correio Brasiliense" não se ilude. Publica a proclamação do General Junot, por ele divulgada no instante de invadir Portugal, dirigindo-se à população esparvorada de Lisboa abandonada pelo seu rei:

"O meu exército vai entrar na vossa Cidade. Eu vinha salvar o vosso porto e o vosso Príncipe da influência maligna da Inglaterra. Mas este Príncipe, aliás respeitável pelas suas virtudes, deixou-se arrastar pelos conselheiros perfidios de que era cercado, para ser por eles entregue aos seus inimigos; atreveram-se a assustá-lo quanto à sua segurança pessoal; os seus vassallos não foram tidos em conta alguma, e os vossos interesses foram sacrificados à cobardia de uns poucos cortesãos. Moradores de Lisboa, vivei sossegados em vossas casas: não receeis coisa alguma do meu Exército, nem de mim: os nossos inimigos e os malvados somente devem temer-nos. O grande Na-

poleão, meu amo, envia-me para vos proteger; e eu vos protegerei".

A conclusão a que Hipólito chega é atualíssima. Cuidado. Cuidado com os protetores e libertadores, pois eles "venderão essa proteção o mais caro que puderem".

É sempre assim. As tropas napoleônicas deveriam proteger os portugueses. A esquadra inglesa, mesmo sem necessidade, fazia questão de proteger a família real na sua viagem para a colônia longínqua e acolhedora...

A imprensa brasileira nasceu sob o signo da liberdade. É verdade que Hipólito José da Costa vivia na Inglaterra e editava seu jornal em Londres, de onde o remetia para Portugal e para o Brasil. Residiu no Rio de Janeiro e por certo as coisas seriam diferentes, como diferentes foram para outros jornalistas, que, à época, se atreveram a contrariar os poderosos do momento.

A lição, todavia, sempre está de pé. Quando a palavra é livre o jornal constrói a Nação. E de nada adiantam as agressões físicas, as prisões de jornalistas, as censuras, as proibições de publicação. Mais forte do que a prepotência dos usurpadores do poder, é a consciência coletiva, que se oferece fértil para receber e germinar idéias, como crescem as plantas nos campos de semeadura.